

## **JORNAL PÉ NO CHÃO**

### **Perspectivas e dificuldades na implantação de um jornal-laboratório no interior do Mato Grosso**

Eduardo Luis Mathias MEDEIROS  
Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat, Tangará da Serra, MT

#### **RESUMO**

Este relato de experiência narra as dificuldades de implantação e funcionamento do jornal-laboratório "Pé no Chão", vinculado ao curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), campus de Alto Araguaia. Criado para abrir um espaço onde o aluno possa treinar a prática jornalística, a falta de recursos atrapalha a manutenção da atividade.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Ensino de Jornalismo; Jornal-laboratório.

#### **INTRODUÇÃO**

**A** história da imprensa e do jornalismo é marcada pelo desenvolvimento da sociedade capitalista. À medida que os homens produzem seus bens e se relacionam com eles, promovem mudanças na estrutura social (WERNECK, 1994). Na sociedade contemporânea, o avanço das tecnologias de informação e comunicação acelerou a troca de informações e de bens simbólicos e isto alterou profundamente o jornalismo. O século XXI apresenta uma sociedade globalizada e interativa, onde o público, além de receptor é, também, interlocutor e, cada vez mais, participante dos novos cenários desencadeados pela transformação tecnológica.

Sendo assim, o jornalista tem que acompanhar essas mudanças e participar ativamente desse processo midiático globalizado. Este profissional, além de ter domínio das mídias tradicionais e das novas mídias, também deve compreender e trabalhar com a convergência entre elas e oferecer aos cidadãos informações de interesse público para auxiliá-los na compreensão e interpretação desse cotidiano que se apresenta tão complexo. No entanto, se faz necessário também refletir e apontar caminhos para o jornalismo, tanto em sua atividade profissional, quanto no tipo de jornalistas que está sendo formado para atuar neste novo cenário.

Nesse contexto, portanto, é que se propôs a implantação do jornal-laboratório Pé no Chão, como espaço dedicado a atividade prática do jornalismo, na perspectiva de contribuir com a formação profissional dos acadêmicos, diante dos novos desafios da atuação profissional na sociedade contemporânea. E, ao mesmo tempo, tornar-se um veículo de comunicação e informação e prestação de serviço à comunidade local, onde ele está inserido, com informações cada vez mais voltadas a esse público.

A proposta de criar um veículo laboratório é importante para o preparo dos futuros jornalistas para atuar na sociedade do conhecimento e da informação, onde se exige preparo não apenas teórico, mas também da prática profissional. Além disso, busca consolidar o veículo de informação como referência na oferta de conteúdo jornalístico local e comunitário, voltado a atender as demandas de informação de interesse público da sociedade de Alto Araguaia (MT) e Santa Rita do Araguaia (GO), cidades onde está instalado o curso de Jornalismo da Unemat, especialmente, os bairros mais afastados e regiões rurais, que não são representados nas mídias convencionais. Talvez mais do que em qualquer outro momento da história, os cidadãos precisem do jornalismo para perceber e interpretar o cotidiano. Este fato, obviamente, tem implicações para a formação do jornalista.

### **O CURSO DE JORNALISMO DA UNEMAT NO INTERIOR DE MATO GROSSO**

O curso de Comunicação Social - habilitação em Jornalismo começou em 2006 no campus da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), em Alto Araguaia. O objetivo era oferecer um curso de qualidade que permitisse a formação crítica de profissionais de jornalismo para atuação no mercado de trabalho e contribuísse com a produção de conhecimento capaz de fortalecer o campo profissional, principalmente, no interior matogrossense. Em 2013, a partir da homologação pelo MEC (Ministério da Educação) das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Jornalismo, o curso mudou o nome para Bacharelado em Jornalismo, buscando fortalecer ainda mais a formação profissional do jornalista.

Com mais de 10 anos de funcionamento, o curso de Jornalismo da Unemat foi responsável por estimular e aprimorar a profissionalização da comunicação no interior. Muitas redações de sites, rádios, tvs e jornais no interior do Estado, que antes eram preenchidos por profissionais sem formação acadêmica, hoje empregam muitos egressos do curso. Desde sua instalação, o curso privilegia uma formação voltada para produção local e a interiorização de um jornalismo que valoriza o contexto cultural no qual está inserido.

Estabelecido na cidade de Alto Araguaia, o curso de Jornalismo da Unemat atende uma microrregião que compreende os municípios de Alto Garças e Alto Taquari, em média de 60 km de distância, e o município vizinho, com qual faz divisa natural (separados pelo rio Araguaia), de Santa Rita do Araguaia, no estado de Goiás. O universo demográfico dessas cidades é próximo de 40 mil habitantes e há poucas

possibilidades para os alunos fazerem estágios supervisionados, pois é baixo o número de veículos de comunicação nesta região e com poucos profissionais formados na academia atuando neles.

Alto Araguaia está localizada na região sudeste, do Estado de Mato Grosso, a 450 km de distância da capital Cuiabá, na divisa com o Estado de Goiás, e tem cerca de 15.679 habitantes, de acordo com o censo do IBGE/2011. A cidade é vizinha de Santa Rita do Araguaia, que pertence ao Estado de Goiás e que, ainda conforme o censo do IBGE/2011, não ultrapassa os 6.924 mil habitantes. Juntos, os dois municípios, que se ligam apenas por uma ponte de aproximadamente 50 metros, não ultrapassam 25 mil habitantes. Segundo uma pesquisa sobre o perfil do jornalista brasileiro, realizada em 2013 pelos professores Jacques Mick e Samuel Lima, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Brasil existem cerca de 312 cursos de graduação em Comunicação Social - Jornalismo, destes 256 são pagos e 56 oferecidos por instituições públicas. A pesquisa não aponta este dado, mas muito provavelmente, o curso de Jornalismo da Unemat é o que está localizado no menor município, em número de habitantes, atendendo a menor região populacional.

Com o baixo número populacional, e dificuldades financeiras para manter uma empresa jornalística com verbas publicitárias, a informação que circula nas duas cidades é difundida por poucos veículos, alguns sites, uma rádio – Rádio Aurora FM -, e uma retransmissora da Rede Record - TV Integração -, que produz o telejornal Araguaia no Ar. Esses veículos, em sua maioria, são controlados por grupos políticos ou são dependentes de recursos publicitários de órgãos públicos para a publicação de editais públicos e do comércio local. Neste cenário de influência, esses veículos ficam amarrados para tratar de assuntos que vão contra os interesses de seus maiores e mais importantes anunciantes.

Assim, o sistema de cobertura desses veículos é direcionado a pautar assuntos que interessam os próprios interesses políticos e econômicos desses grupos e a prática de um jornalismo comercial que divulga produtos de lojas e serviços (*releases*) da prefeitura e outros órgãos públicos. Dessa forma, não há espaço para a cobertura dos acontecimentos locais sobre os problemas que a população enfrenta, particularmente, a de baixa renda, que, normalmente, habitam as periferias e as zonas rurais dessas cidades. Somado a isso, a distância da capital Cuiabá e de outros centros populacionais dificultam o diálogo do curso com outras escolas de jornalismo e com grandes empresas e veículos de comunicação, o que em certa medida traz um isolamento e dificulta nossos alunos a estagiarem em grandes empresas jornalísticas.

O curso de Jornalismo da Unemat também apresenta alguns problemas estruturais. O campus de Alto Araguaia, por exemplo, não tem uma estrutura física disponível adequada para as atividades práticas, como laboratórios e equipamentos (computadores e máquinas fotográficas, ilhas de edições, softwares). Há também a falta de um técnico em jornalismo para auxiliar os alunos. Entretanto, muitos desses obstáculos são superados pelo corpo docente, com força de vontade e criatividade, utilizando de seus recursos próprios para garantir com qualidade o ensino da parte laboratorial. É importante destacar que muitos desses problemas estruturais, vem do fato de o curso ter o seu corpo docente efetivado apenas em 2014, antes os professores que ministravam aulas no curso eram contratados e, por isto, não havia muita regularidade de docentes. A partir da efetivação do corpo docente, o curso vem caminhando para sua estruturação e melhor adequação de suas atividades.

Diante de todos os problemas apresentados, um grupo de professores que lecionam disciplinas do eixo laboratorial e prático do curso de Jornalismo, pensou em criar um jornal-laboratório, de baixo custo de produção, em que os alunos pudessem desenvolver a prática e experienciar novas possibilidades do fazer jornalístico. Como os alunos não tem a possibilidade de estagiar e ter contato com uma redação com profissionais formados, poderiam por em prática os conceitos apresentados nas aulas teóricas. A intenção era de criar um jornal-laboratório que ajudasse a democratizar a informação na cidade de Alto Araguaia e Santa Rita do Araguaia e oferecer aos alunos do curso de jornalismo a possibilidade da vivência da profissão. Assim permitiria que o aluno desenvolvesse um jornalismo voltado para o público e em defesa deste público, pautado na ética jornalística e uma boa apuração, ouvindo as pessoas nas ruas, percebendo a comunidade, a cidade e sabendo se posicionar quanto aos problemas da sociedade contemporânea. A prática em jornal-laboratório também auxilia para que o aluno obtenha uma visão global do processo jornalístico, não apenas no aspecto conceitual, mas também do exercício da profissão. Dessa forma, nasceu o jornal-laboratório Pé no Chão.

## **O ENSINO DE JORNALISMO E A PRÁTICA LABORATORIAL**

Assim como a chegada tardia da imprensa no Brasil, o ensino de Jornalismo nas universidades brasileiras também demorou a ocorrer. A criação do primeiro curso superior se deu apenas em 1947, com a fundação da escola de Jornalismo Casper Líbero, integrada à faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, da Universidade Católica de São Paulo. Quase meio século de diferença das universidades

na Europa e nos Estados Unidos (MELO, 2004). Um ano depois nascia o curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro.

Desde a criação dos primeiros cursos, estabeleceu-se também no país a discussão sobre a melhor formação de profissionais, em defesa de melhores condições de ensino, práticas pedagógicas e articulação entre a teoria e a prática da profissão. Muitas escolas se direcionaram a priorizar a parte prática, enquanto outras, em aprofundar as questões humanísticas e a refletir sobre atividade profissional. Segundo Viera Jr (2002), foi com o decreto 972, de 17 de outubro de 1969, em pleno AI-5, que estabeleceu o exercício profissional somente aos jornalistas diplomados. "Os contrários ao ensino de Jornalismo alegavam que a profissão se aprende nas redações e não nos bancos universitários e criticavam a baixa qualidade do ensino" (VIEIRA Jr, 2002, p.20). Este autor aponta ainda outros episódios que aconteceram em relação a polêmica da obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão de jornalista, como a da Folha de S. Paulo, que encabeçou um lobby, durante a Constituição de 1988 para por fim à obrigatoriedade do diploma para o exercício profissional.

No dia 23 de outubro de 2001, a decisão da juíza substituta Carla Abrantkoski Rister, da 16ª Vara Cível de Justiça Federal, em São Paulo, derrubou a exigência de diploma para função de jornalista em todo o território brasileiro. A juíza alegou que o curso universitário de Jornalismo não é essencial para a formação profissional. (VIEIRA, 2002). A partir daí teve início uma série de discussões e debates entre profissionais da área, academia e empresas de comunicação sobre a melhor formação do jornalista. Porém, em 2009, a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) retirou a obrigatoriedade do diploma para o exercício profissional. Na ocasião, o relator, ministro Gilmar Mendes, justificou que a formação em jornalismo é importante para o preparo técnico dos profissionais e deve continuar nos moldes de cursos como o de culinária, moda ou costura, nos quais o diploma não é requisito básico para o exercício da profissão.

Também em 2009, o MEC organizou uma comissão de especialistas para repensar o ensino de Jornalismo no contexto de uma sociedade em transformação. Foram realizadas três audiências públicas, no Rio de Janeiro, no Recife e em São Paulo, aberta à participação de todos os agentes dos processos jornalísticos e os cidadãos interessados também tiveram a oportunidade de encaminhar recomendações, por meio de Consulta Pública, realizada pelo portal do MEC, na internet. As ideias e demandas captadas nestas audiências e consulta foram revistas a partir do conhecimento existente sobre o ensino de jornalismo na literatura nacional e internacional. A partir desta

metodologia, a comissão elaborou um conjunto de diretrizes recomendadas para a melhoria dos cursos de graduação, no contexto das novas regras para o exercício profissional, correspondendo aos anseios das entidades sindicais e acadêmicas em defesa de um ensino superior de qualidade na formação dos graduados em jornalismo. Somente em 2013, quatro anos depois, é o Conselho Nacional de Educação aprovou e criou as Diretrizes Curriculares Nacionais para o bacharelado em Jornalismo. Após a publicação, as instituições de ensino superior teriam um prazo de dois anos para implantarem as novas diretrizes.

De acordo com a comissão, o curso deve ser estruturado com conteúdos que atendam a seis eixos de formação: eixo de fundamentação humanística, de fundamentação específica, de fundamentação contextual, de formação profissional, de aplicação processual e de prática laboratorial. Todos descritos detalhadamente. (MEC, 2009) Ao discutir a formação do jornalista a partir das novas diretrizes e do cenário comunicacional atual, Maria Elisabete Antonioli aponta para a importância do relatório que se preocupou na formação de um profissional com novas competências para o fazer jornalístico.

Ao traçar um histórico sobre o ensino de Jornalismo no Brasil, o documento apresenta uma crítica a respeito da substituição do curso de Jornalismo pelo de Comunicação Social no ano de 1969, com o argumento de que decorreram consequências prejudiciais, como por exemplo, o desaparecimento de conteúdos como Teoria, Ética, Deontologia e História do Jornalismo, ou, ainda, sua dissolução em conteúdos gerais da Comunicação que não respondem às questões da prática profissional. Outra questão apontada foi a ruptura entre a teoria e a prática nos cursos de Comunicação, que, conforme a comissão, ainda não foi solucionada adequadamente. (ANTONIOLI, 2014, p.187)

Para Antonioli, o relatório das novas diretrizes curriculares trata de questões importantes para o jornalismo e para a formação do futuro jornalista neste novo cenário comunicacional e cheio de transformações que a sociedade sofreu ao longo do tempo e busca o perfil de um egresso generalista, humanista, crítico e reflexivo. Outra questão que o relatório se preocupou foi com a dicotomia existente entre a prática e a teoria, chamando atenção para uma maior integração entre esses conteúdos na matriz curricular, em sala de aula e em laboratórios para que o aluno possa teorizar, praticar e refletir sobre sua prática e analisar sua própria produção. A conduta ética deve permear todos esses conteúdos. (ANTONIOLI, 2014, p.187)

Destacamos aqui o eixo da prática laboratorial que deu atenção especial a efetivação da interdisciplinaridade e integração entre a teoria e prática e mencionou a

importância de projetos editoriais, que devem ser elaborados, definidos e orientados a públicos reais, com publicação efetiva e periodicidade regular como jornal, revista e livro, jornal mural, radiojornal, telejornal, webjornal, agências de notícias, assessoria de imprensa entre outros. (MEC, 2009)

A introdução dos órgãos laboratoriais nos cursos de Jornalismo é antiga e provocou inúmeras transformações, ao iniciar uma articulação teórico-prática, indispensável na formação profissional. Em 1961, com a criação do curso de Jornalismo, da Universidade Católica de Pernambuco, Luiz Beltrão, que já tinha ideias claras a respeito da problemática do ensino de jornalismo, criou o jornal-cobaia, com a intenção de simular situações profissionais em sala de aula. Outros cursos de jornalismo passaram a inserir o jornal-laboratório impresso como atividade jornalística na perspectiva de preparar o estudante para o mercado de trabalho e permitir um aprendizado prático adequado com o fundamento teórico em sala de aula.

Direceu Fernando Lopes explica que a introdução de órgãos laboratoriais provocou mudanças nos cursos de jornalismo, dando início a articulação teórico-prática, indispensável para a formação do profissional. Segundo o pesquisador, o ensino discursivo foi cedendo lugar a uma aprendizagem prática. Existe, portanto, conforme Lopes, uma consciência histórica sobre a necessidade dos laboratórios como espaços fundamentais para a pesquisa e a reprodução ou inovação da prática jornalística. "O importante, segundo Marques, não é a mera demonstração de como fazer, mas de experimentação crítica dos modelos de jornalismo dominantes e criação de modelos alternativos suscetíveis de difusão social." (LOPES, 1989, p. 34)

Para Lopes, o jornal-laboratório é um instrumento fundamental para dar condições ao estudante de jornalismo de realizar a prática dentro da academia, sob a supervisão e orientação dos professores. Nele, os alunos têm a oportunidade de colocar em execução os conhecimentos teóricos adquiridos nas disciplinas que cursaram, além de experimentar outras formas do fazer jornalístico que não encontram lugar nos veículos de comunicação tradicionais.

No jornal-laboratório há o direcionamento do estudante para atividades práticas que reproduz o cotidiano dos profissionais em veículos jornalísticos, no momento em que abre espaço para aos alunos confrontarem com problemas reais da profissão. Infelizmente, são raras as oportunidades dos estudantes de aprenderem nas universidades conteúdos com enfoque profissional. Nos projetos laboratoriais, o aluno deve ser o protagonista e participar de todo o processo de produção da informação jornalística, desde a pauta, a escolha de fontes, a elaboração de um texto claro e

conciso, a escolha de fotos e a diagramação visual mais adequada para melhor atrair, informar e orientar o leitor. A publicação de um jornal-laboratório cria e apura nos alunos, a responsabilidade, desenvolvendo a autocrítica e submete-a censura dos colegas, dos professores e do público.

Seguindo alguns critérios estabelecidos por Lopes (1989), o ensino do jornal-laboratório deve incluir as discussões que envolvem os processos de mudança que passa a profissão. Busca também ir além da repetição mecânica e tecnicista de rotinas produtivas e da cópia de modelos de prática como sinônimo de formação, e que se resumiria à formatação limitada pela reprodução. Este fazer demanda preparo dos jovens que se tornarão profissionais para atuar na sociedade do conhecimento e da informação. Esta necessidade de preparo, não apenas teórico, mas também prático.

Orientar o aprendizado no laboratório demanda também formação continuada dos professores, uma vez que todo o processo pode ser visto como trabalho de pesquisa em jornalismo. O aluno que participa de um jornal-laboratório ainda tem a possibilidade de ter contato com vários elementos que fazem parte da rotina de trabalho do profissional jornalista, como pressão do tempo, faro para desenvolvimento de novas pautas de interesse público geral, rápida transformação do acontecimento em notícia, trabalho em equipe.

### **JORNAL PÉ NO CHÃO - PORQUE JORNALISMO SE FAZ NA RUA!**

O jornal-laboratório Pé no Chão é uma atividade de extensão voltada para prática laboratorial para atender os alunos do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Criado em 2014, o jornal tem a linha editorial direcionada para a abordagem de assuntos de interesse da comunidade de Alto Araguaia (MT) e Santa Rita do Araguaia (GO) e no comprometimento com a ética e a prática jornalística de qualidade. Com ênfase em uma apuração criteriosa e plural, o veículo pretende ser bem mais que um mero transmissor de informações, mas um espaço onde se produza discussões e circule ideias. Os assuntos prioritários são aqueles que dizem respeito aos bairros mais afastados dessas duas cidades, que geralmente não aparecem na cobertura local.

O jornal-laboratório Pé no Chão faz uma cobertura local comprometida com o público na busca de problemas das periferias e da população de baixa renda dos municípios de Alto Araguaia e Santa Rita do Araguaia. Não há nenhum veículo impresso nesses dois municípios, desse modo, o "Pé no Chão" se encaixa na necessidade existente



nestes municípios de falta de informações de um jornalismo local e regional a serviço do público. A própria comunidade sente o desejo, de ser representada pela mídia local. Em pesquisa realizada pelos alunos da disciplina de Marketing do 7º semestre do Curso de Jornalismo, da Unemat, comprovam que 87% da comunidade local tem interesse e gostaria de ter a possibilidade de ler notícias de outra mídia, mais isenta e neutra na cobertura jornalística local.

O nome Pé no Chão foi pensado pois a intenção era chamar atenção para uma boa apuração jornalística e a experiência que o repórter adquire na rua. Ricardo Kotscho mostra em seu livro, a vivência de um repórter onde a reportagem era apurada em seu devido lugar, a rua. O autor conta que diante de poucas tecnologias e facilidade, as matérias que escreviam eram tão boas ou melhores que as atuais. Ou seja, no jornalismo as novas tecnologias auxiliam na produção de uma boa notícia, mas, o bom repórter precisa ter o faro da reportagem, ter sensibilidade, expertise, habilidade para enfrentar dificuldades e isto só se aprende com a vivência adquirida na rua, no contato com as pessoas, com a cidade. "Com pauta ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia. Mesmo um assunto rotineiro, como uma enchente na cidade, por exemplo - muito sol ou muita chuva serão notícia até o fim do mundo" (KOTSCHO, 1995).

O jornal tem apenas duas editorias de opinião e cidades, mas engloba diversos assuntos como política, economia, saúde, cultura, esportes, educação e reportagem especial. Os alunos que participam são escolhidos a partir de um processo seletivo, após abertura de edital. Os escolhidos normalmente são oriundos do 5º, 6º e 7º semestres, que já cursaram ou estão cursando as disciplinas de técnicas de redação jornalística, reportagem e redação I e II e fotojornalismo e planejamento gráfico.

Os alunos participam das discussões de pauta e depois vão para as ruas apurar suas matérias. A apuração é feita em dupla, sendo um aluno responsável pela apuração, entrevistas, redação e o outro por conta da produção de fotos. A produção das imagens são orientadas e debatidas juntamente com o professor de fotojornalismo do curso. O planejamento e a diagramação da edição é feito também com o professor de produção laboratorial. Durante todo o processo de produção são discutidos linha editorial, editorias, público-alvo, distribuição, projeto gráfico, a apuração e a redação jornalística.

É publicada uma edição por semestre e todos os alunos que participam passam pelos processos de pauta, redação, edição, diagramação e revisão. Em todos os processos, os alunos são orientados por professores responsáveis pela execução do

jornal. Depois de impressos, os jornais são distribuídos pelos alunos em pontos estratégicos das cidades de Alto Araguaia e Santa Rita do Araguaia e nas comunidades periféricas.

Em cada reunião de pauta, os alunos devem trazer sugestões para serem debatidas e selecionadas. A pauta é a orientação transmitida aos repórteres e tem como função pensar a forma como a matéria será abordada no jornal. As pautas devem atender os objetivos do jornal e ser condizentes com a linha editorial adotada. No jornal Pé no Chão não é permitida a publicação de releases. Os assuntos devem ser inéditos e atuais e devem ser executados dentro do prazo de cada edição. Por ser apenas uma edição por semestre, as matérias escolhidas são de fatos de afetam diretamente o dia-a-dia da população e demonstra o descaso do poder público com as classes menos privilegiadas.

No jornalismo praticado no interior guarda algumas particularidades em relação ao dos grandes centros. Influenciados pela dinâmica temporal e de proximidade entre os moradores, o jornalista está mais próximo das pessoas que descreve e normalmente, ao apurar um fato, ele já circulou no “boca a boca” antes de chegar na mídia.

Existe também uma relação de troca, entre a imprensa e o poder local, visando assuntos políticos e resultados em eleições municipais. Assim, boa parte da população nessas localidades permanece desassistida de boas informações. Sendo que as informações que circulam nas mídias locais, são em sua maioria, produzidas pela assessoria de imprensa da prefeitura e de outros órgãos, ou são frutos de declarações vazias de personalidades locais que não contribuem em dar uma visão crítica sobre os problemas locais.

Porém, a influência da proximidade não dificulta na escolha das pautas. Elas só precisam ser pensadas a partir de um outro ângulo. O imaginário da noção de pauta que os alunos têm está muito focado naquilo que é notícia na grande imprensa. Como no interior, muitas vezes, a realidade que se apresenta é diferente das grandes cidades e da capital, por não compartilhar dos mesmos problemas, opções e serviços, é comum os alunos reclamarem que não tem pautas e que nada acontece na cidade.

A pauta na imprensa local deve estar atenta aos acontecimentos e problemas cotidianos de uma determinada localidade. Assim, privilegiado por estar mais próximo do seu público, o jornal procura dar espaço para aquelas pessoas simples que tem suas falas silenciadas nos grandes meios de comunicação de massa. É na imprensa local que a dona de casa, o trabalhador, devem falar dos problemas do seu bairro, cobrar a

prefeitura e divulgar sua cultura. O jornal local deve suprir a falta de informações acerca da realidade das comunidades periféricas e abrir espaço para divulgação de serviços de saúde, educação e divulgação da cultura local. Temas nacionais podem e devem ser tratados, desde que receba um tratamento local.

A realidade do jornal-laboratório Pé no chão, por estar situado em uma cidade do interior, traz experiências diferenciadas daquelas observadas em outros jornais de grandes centros, ou de cidades maiores. O jornalismo praticado no interior, apesar de suas peculiaridades, apresenta diversas qualidades, por desempenhar um papel junto as comunidades e ser um instrumento de exercício de cidadania e de proporcionar aos leitores uma melhor compreensão sobre a realidade local.

### ANÁLISE DAS DUAS PRIMEIRAS EDIÇÕES

A edição número 1 do jornal Pé no Chão saiu em dezembro de 2014, em formato tabloíde, com oito páginas, sendo quatro coloridas (capa e última página e as duas páginas do meio) e quatro em preto e branco. A opção por este formato se deu por conta de reduzir o valor da publicação, o número reduzido de notícias e facilitar a distribuição e a legibilidade.

Nesta primeira edição trabalhamos mais com notícias da cidade de Alto Araguaia e cidades próximas, como Santa Rita do Araguaia (GO) e Alto Taquari (GO). Os alunos que participaram desta edição eram do 5º, 6º e 7º semestre de já haviam cursado as disciplinas de técnica de redação jornalística, reportagem e entrevista I e II e fotojornalismo. Todos os textos e fotos foram produzidos pelos alunos. Os professores fizeram o trabalho de edição e escreveram os textos de opinião. As pautas foram escolhidas a partir de reunião de pauta e buscou fazer um olhar sobre a cidade e região.

A capa, embora o jornal seja um tabloíde, seguiu um formato mais utilizado em jornais *standart*, com uma manchete no alto e chamada menores para outras notícias. A manchete, publicada na página 5, foi sobre o aumento de buracos na na MT-100, estrada que liga a cidade de Alto Araguaia com a cidade de Alto Taquari.

A página 2 foi destinada a opinião e teve um editorial, saudando a chegada do novo jornal, um artigo e uma charge assinada por professores orientadores do projeto. A página 3 traz duas notícias sobre a cidade de Alto Araguaia. Uma sobre a biblioteca municipal que está abandonada e outra sobre o cuidado com o uso de cartão de crédito e débito, que trouxe exemplos de consumidores da cidade que tiveram seus cartões clonados. A página 4, colorida, tratou de economia e apresentou uma notícia

sobre a elevação dos preços de legumes e verduras que aumentaram por conta das chuvas e outra sobre a opção de alguns consumidores em fazerem compras em Mineiros (GO), cidade vizinha, que oferece uma opção mais barata.

A página 6 ficou com a editoria do Dia a Dia e mostrou o dilema de pequenos agricultores rurais que ocuparam uma área de preservação ambiental e o fim do prazo para justificar o voto para os eleitores da cidade que não votaram nas últimas eleições. A página 7 foi da editoria Regional e trouxe notícias de Santa Rita do Araguaia (GO) e Alto Taquari (MT). E a última página, 8, colorida, foi dedicada às imagens produzidas em atividades práticas nas aulas de Linguagem Fotográfica e Fotojornalismo.

A segunda edição do jornal Pé no Chão saiu em agosto de 2015. Esta edição priorizou mais ainda os bairros afastados. Para isto, privilegiamos duas manchetes, publicadas na página 3, uma sobre uma escola abandonada no bairro Novo Araguaia e outra sobre a falta d'água no bairro Maria das Graças, ambas comunidades periféricas, onde a população sofre com o descaso do poder público. Como reportagem especial, que ocupou as páginas 4 e 5, uma história sobre os moradores de rua, que comem e dormem em um ponto de carroça, próximo ao centro da cidade, onde ficam cavalos. A reportagem traz um pouco do perfil de alguns moradores de rua e faz uma crítica a falta de ação da secretaria de Desenvolvimento e Assistência Social de Alto Araguaia.

A página 2 do jornal, destinada ao gênero opinativo teve o editorial e um artigo produzido por professores. No entanto, um aluno do curso de jornalismo produziu a charge, um gênero que busca fazer crítica humorística através da imagem e que serve aqui como um espaço para influenciar os alunos a produzir charges. Normalmente, os chargistas não são formados nas escolas de jornalismo, por ser algo bem difícil de ser trabalhado nas aulas, já que o chargista é um artista.

Quanto a participação de professores no processo da elaboração do jornal e na escrita de editoriais e artigos se deu em primeiro lugar para haver uma interação entre os professores e alunos, já que o curso tem poucos alunos, a cidade é pequena e, por isto, há um contato maior entre eles. E também, os alunos se mostraram inseguros em escrever textos opinativos, mas a ideia é que em cada edição os alunos vão ganhando segurança para executar e comandar todo o processo.

As páginas 6 e 7 foram destinadas outras notícias da cidade. Uma sobre uma obra de um posto de saúde que está paralisada, a dificuldade de idosos e pessoas mais simples com a identificação biométrica nos bancos da cidade, uma notícia sobre a produção da agricultura familiar e a falta de um lugar adequado para a instalação de

microrrecicladoras. A última página do jornal, colorida, novamente dedicamos a imagens produzidas pelos alunos na disciplina de Linguagem Fotográfica e Fotojornalismo. Todas as edições foram distribuídas pelos alunos nas comunidades e em pontos estratégicos das duas cidades.

A terceira edição do jornal Pé no Chão foi produzida, mas não foi publicada em jornal. Tivemos que disponibilizar o conteúdo através do site (ou blog - ver com o luri o endereço). O projeto não recebeu os recursos necessários para publicação do jornal. Como o projeto conta com recursos do Campus de Alto Araguaia para impressão, tivemos que pensar uma outra forma de divulgar a produção dos alunos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de recurso para produção e manutenção de um jornal-laboratório é um dos problemas enfrentados por vários jornais laboratórios. Para manter uma linha editorial livre, o jornal não aceitou receber verba da prefeitura para sua publicação e, como contávamos com o dinheiro do campus, não nos preparamos para a venda de anúncios a fim de pagar sua publicação.

Enquanto o jornal não encontra formas de sobrevivência em suas publicações, para não parar as atividades a produção migrou para a plataforma digital, no entanto, mantendo o mesmo padrão da produção do impresso, com notícias sobre os bairros periféricos da cidade e reportagem especial. O problema é o acesso ao jornal, pois com a edição impressa ele era distribuído nos bairros e chegava até a comunidade que ele buscava servir. A população mais afastada das cidades de Alto Araguaia e Santa Rita, boa parte é desprovida de acesso à internet. Por isto, a importância de voltar as publicações.

A sobrevivência de periódicos em cidades pequenas é difícil por conta da verba publicitária que mantém esses jornais, por isto, muitos são alimentados com notícias da prefeitura e acabam fazendo mais um jornalismo de coluna social do que um jornalismo crítico voltado para a defesa do interesse público. O jornal Pé no Chão, embora seja um jornal-laboratório, ligado a um projeto de extensão e a um curso de jornalismo de uma universidade pública carece de problemas semelhantes. O recurso destinado ao campus é pouco para a manutenção dos três cursos e isto gera uma certa deficiência na infraestrutura. O curso de jornalismo acaba tendo pouco recurso para manutenção do periódico, deixando apenas a internet com o uma opção de publicação dos materiais produzidos pelos alunos. O digital, pela internet ser um espaço gratuito,

se impõe como a única opção para a divulgação. E a rede, embora plural e aberta a todos, nem todos tem acesso, ainda mais em se tratando de populações de baixa renda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIOLI, Maria Elisabete. **Diretrizes Curriculares e cursos de Jornalismo: a formação do jornalista à luz da legislação educacional.** Rebej (Brasília), v. 4, p. 182-197, 2014.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo.** Porto Alegre: Editora Tchê Ltda, 1987.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor.** São Paulo: Summus, 1989.

MARTINS, Ana Luíza e DE LUCA, Tânia Regina. **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, José Marques de. **Os primórdios do ensino de Jornalismo.** Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 73-83, jul./dez. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2074>>. Acesso em: 02/12/2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Novas diretrizes curriculares para os cursos de Jornalismo.** Brasília, DF, 2009.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: Métodos de investigação na imprensa.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Mauad, 1994.

UNEMAT. **Projeto Político Pedagógico.** Universidade do Estado de Mato Grosso. Alto Araguaia. Unemat, 2014.

VIEIRA Junior, Antônio. **Uma pedagogia para o jornal laboratório.** Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

**Artigo recebido em 17/08/2019 e Aprovado para publicação em 09/09/2019.**